A antropologia britânica nas edições brasileiras

JÚLIO CEZAR MELATTI

Faz alguns anos, encarreguei-me de ministrar em certo semestre uma disciplina em nível de graduação que consistia na leitura e discussão de algumas monografias antropológicas modelares. Incluí na bibliografia *The Andaman Islanders,* de Radcliffe-Brown, *Argonauts of the Western Pacific,* de Malinowski, *Naven,* de Bateson e *Political Systems of Highland Burma,* de Leach. Os alunos tiveram de ler todos os livros em inglês (com exceção daqueles que tenham preferido e conseguido a tradução do *Naven para o francês*) e nisso dispenderam tanto tempo que não puderam chegar a ler a última das monografias. Pouco tempo depois, voltei a oferecer a mesma disciplina, substituindo duas das citadas monografias por *The Nuer,* de Evans-Pritchard. Os novos alunos também tiveram de as ler em inglês (a não ser aqueles que tinham encontrado *The Nuer* em francês e *Argonauts* em castelhano). Hoje, se tornasse a oferecer tal disciplina, os alunos poderiam ler duas das monografias em português.

As recentes traduções para o português de livros sobre temas antropológicos têm contribuído bastante para tornar mais fácil o trabalho docente. Quem, como eu, iniciou seus estudos universitários antes de 1960 bem sabe que naquela época até os manuais de Antropologia em nossa língua eram raros. Com o tempo, começaram a aparecer as traduções de manuais, tanto norte-americanos como ingleses, alguns até um tanto antiquados, concentrando-se suas edições brasileiras nos anos sessenta. Somente na presente década é que as editoras começaram a dar mais atenção a traduções de trabalhos sobre temas específicos e monografias, de maior interesse teórico. Sem dúvida devem ter contribuído para isso a criação e desenvolvimento dos cursos de pós-graduação, cujos alunos vieram a constituir um mercado para tais livros, que se amplia ainda mais

à medida que eles passam (ou voltam) a ser professores, melhorando o nível do ensino na graduação.

A Antropologia britânica tem sido beneficiada por esse movimento editorial, principalmente porque os atuais cursos de mestrado em Antropologia nasceram a partir de instituições que cultivavam já há algum tempo a Antropologia Social: o Museu Nacional e alguns setores da Universidade de São Paulo. Vimos o aparecimento das traduções *Sexo e repressão na sociedade selvagem*, de Malinowski (Petrópolis: Vozes, 1973); *Estrutura e função na sociedade primitiva*, de Radcliffe-Brown (Petrópolis: Vozes, 1973); *Elementos de organização social*, de Raymond Firth (Rio de Janeiro: Zahar, 1974; *Repensando a Antropologia*, de Leach (São Paulo: Perspectiva, 1974); *Pureza e perigo*, de Mary Douglas (São Paulo: Perspectiva, 1976); *Argonautas do Pacífico Ocidental*, de Malinowski (São Paulo: Abril Cultural, 1976).

O ano de 1978 foi particularmente pródigo em Edições brasileiras referentes à Antropologia britânica: lançaram-se pelo menos seis, das quais três tão traduções de trabalhos de Evans-Pritchard.

Dentre as obras de E. E. Evans-Pritchard traduzidas estão duas monografias. Uma delas é *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande* (Rio de Janeiro: Zahar, 1978; 316 p.). Entretanto, a tradução não tem por base o original inglês de 1937 e sim uma edição resumida por Eva Gillies, que lhe acrescentou uma introdução na qual situa o livro tanto na história dos Azande como na da Antropologia. A única vantagem da edição abreviada é o preço mais baixo, pois o livro fica reduzido quase à metade. O leitor que desejar conhecer o texto integral numa língua mais acessível que o inglês pode recorrer à edição em castelhano *Brujería, magia y oráculos entre los azande* (Barcelona: Anagrama, 1976; 496 p.).

Em compensação, *Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota* (São Paulo: Perspectiva, 1978; 278 p.) constitui a tradução integral do texto original de Evans-Pritchard. Portanto, quarenta anos depois de sua publicação original, esses dois clássicos da Antropologia se tornam mais acessíveis aos alunos brasileiros, tornando mais cômodo para os professores o seu uso em sala de aula.

Por sua vez, a tradução *Antropologia Social da Religião* (Rio de Janeiro: Campus, 1978; 183 p.) não constitui uma monografia, mas sim uma série de cinco conferências preparadas por Evans-Pritchard, das quais proferiu apenas quatro, em 1962. Nelas comenta as mais antigas teorias antropológicas sobre religião, não chegando a abordar o que a Antropologia Social britânica veio a produzir

sobre o tema, dedicando apenas breves referências a seus fundadores, Malinowski e Radcliffe-Brown, sendo suas contribuições nesse campo tratadas como meros apêndices daquelas de alguns autores anteriores. Evans-Pritchard nem mesmo expõe os resultados, tão ricos, de seus trabalhos sobre o assunto, por serem posteriores ao período examinado. De qualquer modo, o leitor toma conhecimento daquilo que não era mais aceito pelos antropólogos britânicos do tempo de Evans-Pritchard.

Tal como o último livro acima, *Antropólogos e Antropologia*, de Adam Kuper (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978; 228 p.), é um trabalho de história e crítica, mas que desta vez tem por objeto a própria "escola britânica", no período de 1922 a 1972, como o indica o subtítulo, que desapareceu na edição brasileira. De leitura agradável, oferece uma visão geral das contribuições acadêmicas dos principais antropólogos britânicos a partir de Malinowski e Radcliffe-Brown, das relações intelectuais entre os vários pesquisadores e uma rápida e cuidada descrição de suas pessoas. Convém notar que a tradução deste mesmo livro para o castelhano, *Antropología y antropólogos*: *la escuela británica*: 1922-1972 (Barcelona: Anagrama, 1971, data evidentemente errada), traz um interessante apêndice, de autor não indicado, que contém valiosas informações sobre os cursos e áreas de interesse dos departamentos de Antropologia do arquipélago britânico e ainda uma pequena biobibliografia de cada autor tratado no livro.

Finalmente, temos os trabalhos elaborados no Brasil sobre dois grandes mestres da "escola britânica". Na verdade um deles foi apenas parcialmente elaborado aqui, uma vez que se trata de uma coletânea que organizei para a Coleção Grandes Cientistas Sociais coordenada por Florestan Fernandes: *Radcliffe-Brown* (São Paulo: Ática, 1978; 198 p.). O volume inclui três trabalhos de Radcliffe-Brown e minha parte se reduz a uma pequena introdução sobre sua obra. A coletânea já estava pronta para entrar em gráfica em 1973, mas só veio a ser publicada em 1978. Esse atraso por certo foi motivado pela transferência da Coleção da editora original para a Ática. Durante os cinco anos de espera dois dos textos selecionados foram publicados em português por outras editoras. Um deles, a Introdução de Radcliffe-Brown ao famoso volume *African Systems of Kinship and Marriage*, que organizou com Daryll Forde, foi publicado em Portugal, juntamente com todos os demais textos a que servia de abertura: *Sistemas políticos africanos de parentesco e casamento* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1974). O outro, "The comparative method in Social Anthropology", foi publicado na

coletânea de Alba Zaluar Guimarães, *Desvendando máscaras sociais* (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975). Assim, ao sair o volume que organizei, apenas a tradução da primeira parte de "The social organization of Australian tribes" era novidade em português.

O outro é o livro de Eunice Ribeiro Durham, *A reconstituição da realidade: um estudo sobre a obra etnográfica de Bronislaw Malinowski* (São Paulo: Ática, 1978: 187 p.). Se o leitor brasileiro entrou pela primeira vez em contato com Malinowski através do volume *Uma teoria científica da cultura* (Rio de Janeiro: Zahar, 1962), que inclui dois dos mais criticáveis de seus ensaios, traduzido na já aludida "década dos manuais", talvez por seu aspecto de trabalho didático, o livro de Eunice Durham contribui para desfazer a má impressão, mostrando onde encontrar a verdadeira contribuição desse grande pesquisador. Para isso ela examina passo a passo e em ordem cronológica suas monografias, a partir daquela sobre a família entre os aborígenes australianos, elaborada antes de Malinowski iniciar sua pesquisa de campo no arquipélago de Trobiand. Seu objetivo é pôr em evidência a teoria que estaria implícita no âmago da rica análise etnográfica de Malinowski. A leitura de *A reconstituição da realidade* por certo será mais proveitosa se feita paralelamente à de cada monografia de que vai tratando.

Essa breve notícia é, pois, uma amostra de como a vitalidade da Antropologia Social, de origem britânica, se reflete no movimento editorial brasileiro.